

Roma, a cidade aberta

Francisco Merino

Universidade da Beira Interior

Título: *Roma, Cidade Aberta/Roma, Città Aperta*

Duração: 100 minutos

Itália, 1945

Realização: Roberto Rossellini

Actores: Aldo Fabrizi, Anna Magnani, Marcello Pagliero

Argumento: Sergio Amidei e Federico Fellini

Música: Renzo Rossellini

Fotografia: Ubaldo Arata

Por vezes, o espaço, o tempo e a História parecem conspirar para que uma determinada corrente artística ou ideológica saia da obscuridade e brilhe com todo o seu fulgor. O espaço é a Itália, um dos grandes vértices criativos da Europa, o tempo é a segunda metade dos anos 40, e a História é a da II Grande Guerra, que transformara o continente hegemónico do mundo numa pilha disforme de escombros. A corrente cinematográfica a sair deste cenário negro seria o Neo-Realismo e teria nas décadas seguintes um enorme impacto cultural e político. Não seria apenas a Europa a erigir o Neo-Realismo à categoria dos principais modelos cinematográficos, mas também o terceiro mundo, que encontrou no tom e no estilo deste género uma forma privilegiada de exprimir os conflitos sociais e políticos que o dilaceravam. Mas se a generalidade dos países europeus também tinha vivido intensamente o conflito e padecia precisamente dos mesmos problemas, porque surgiu o Neo-Realismo em Itália? Ao contrário do que acontecera na Alemanha, Mussolini não se suicidara num *bunker*. O ditador fascista morrera às mãos dos seus próprios compatriotas, os *partigiani*, pendurado num gancho de carne e abandonado por quase todos. A oposição interna, quase inexistente na Alemanha, foi sempre uma das principais preocupações de Mussolini – aliás, os próprios Aliados foram saudados enquanto libertadores, embora a Itália fosse inegavelmente um dos

grandes perdedores da guerra. Eram estas condicionantes que davam à partida uma inegável estatura moral aos jovens cineastas italianos, que a Alemanha só poderia reclamar já nos anos 60. A Itália, apesar de ter sido atravessada por uma frente de guerra, estava bem menos destruída que a Alemanha, onde poucos edifícios restavam intocáveis, e não tinha visto toda a sua população transformada numa massa gigantesca de refugiados em trânsito. Assim sendo, e embora a orgulhosa cinematografia italiana tivesse assistido impávida à destruição dos seus imponentes estúdios, a verdade é que muito do equipamento e dos celebrados técnicos italianos estavam ainda disponíveis, tal como o seu vasto manancial de actores. Os neo-realistas dariam emprego a estes actores e fariam actores dos muitos desempregados que deambulavam pelas cidades. Pouco ou nada lhes interessavam os grandes estúdios – aliás, dificilmente encontrariam melhor cenário do que o que tinham à sua frente. A realidade tinha-se tornado infinitamente mais interessante que as gigantescas epopeias históricas que ciclicamente enxameavam o cinema italiano, e era ela que impelia os cineastas. Quando não havia projectores utilizava-se a luz natural e o que mais houvesse à mão. Se não era possível fechar as ruas, utilizavam-se os transeuntes como figurantes. Só havia uma regra: não parar de filmar!

Se tivermos que escolher o filme fundador do Neo-Realismo italiano, o que é sempre algo falacioso e discutível, a escolha tende a cair em *Roma, Cidade Aberta*, de Roberto Rossellini. O jovem realizador, que vinha de uma família com grandes ligações ao mundo do cinema, tinha dado os primeiros passos na realização em filmes apoiados pelo governo fascista, mas, mal caiu o regime, tornou-se no maior apóstolo do género que então começava a despontar, o cinema do real. Foi um dos principais pioneiros do estilo e estética do Neo-Realismo, defendendo o recurso a actores não profissionais e recusando sempre artificialismos ou qualquer excesso de composição, investindo antes no realismo e na crueza das suas imagens. Rossellini começou a trabalhar em *Roma, Cidade Aberta* imediatamente após o exército americano ter empurrado os nazis para o norte de Itália, ainda a guerra não tinha sequer um fim à vista.

O filme tem todos os ingredientes que fariam a escola no Neo-Realismo: a relação umbilical com a realidade e a vida social; a preocupação extrema com o realismo, que vai ao ponto de se rejeitarem

as noções clássicas de enquadramento (especialmente quando a “estética” ameaça prevalecer sobre o real); uma mensagem política inequívoca e amplamente relacionada com a miséria humana (o que teria um amplo impacto no terceiro mundo); uma Itália profundamente devastada e miserável, com seus edifícios em cacos e as suas gentes em filas de racionamento, como cenário de eleição. A grande preocupação de Rossellini parece ser ilibar o Povo italiano dos crimes de Mussolini, o que aliás seria um tema recorrente nos primeiros anos da sua carreira. O cenário é o duro cotidiano romano, emoldurado pela fome e pela repressão, ao ponto de Roma parecer mais a Paris ocupada que a capital dos principais aliados europeus da Alemanha. Os protagonistas são os *partigiani* da resistência, tanto os combatentes como aqueles os que os apoiam e protegem. No meio de todos eles há uma figura que se destaca, Pina, magistralmente desempenhada por Anna Magnani, uma das poucas atrizes profissionais do elenco, e que se tornaria na encarnação por excelência da mulher romana. O poder de uma figura em carne e osso, sem o recurso a artificialismos ou maneirismos interpretativos, fez com que muitos se identificassem com ela, em particular as mulheres italianas que viam pela primeira vez as suas vidas e atribuições retratadas em celulóide. Anna Magnani tornou-se, aliás, num dos mais queridos símbolos de Roma e numa evidência incontornável do peso e importância que o cinema pode atingir. Nos anos seguintes o Neo-Realismo espalhar-se-ia pelo mundo, transformando realizadores como Rossellini ou De Sica em autênticas estrelas, e fazendo escola em países tão distantes como a Índia e o Brasil. O estilo “guerrilheiro” dos Neo-Realistas, bem como a sua habilidade para trabalharem com meios técnicos extremamente reduzidos, é ainda hoje uma referência incontornável para todos os cineastas com muito para dizer e muito pouco com que o fazer.